

Maria Denilda Moura e a linguística brasileira

Maria Denilda Moura and the Brazilian Linguistics

Ataliba T. de Castilho¹

DOI: 10.28998/2317-9945.2020n65p3-9

Resumo

Por ocasião dos 30 anos do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), este texto homenageia a Profa. Maria Denilda Moura, fundadora do referido Programa, fazendo um rápido panorama das atividades desenvolvidas por ela ao longo de sua vida acadêmica. Discute ainda a diacronia da concordância no Português Brasileiro, inspirado pela conferência “Casos de concordância no Português Brasileiro” proferida pela profa. Denilda no VII Seminário Nacional do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

Palavras-chave: PPGLL. 30 anos. Denilda Moura. Linguística brasileira

Abstract

On the occasion of the 30th anniversary of the Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), this text pays tribute to Professor Maria Denilda Moura, founder of the aforementioned postgraduate programme, giving a quick overview of the activities developed by her during her academic life. The text also discusses the diachrony of the agreement in Brazilian Portuguese, inspired by the lecture “Casos de concordância no Português Brasileiro” delivered by Professor Denilda during the VII Seminário Nacional do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

Keywords: PPGLL. 30th anniversary. Denilda Moura. Brazilian Linguistics

Recebido em: 12/12/2019.

Aceito em: 15/01/2020.

¹ Professor Émerito da USP e Professor Titular convidado da Unicamp.

Em boa hora a Universidade Federal de Alagoas resolveu comemorar os 30 anos de Pós-graduação em Linguística e Literatura desta universidade.

Ora, quem fala em Ufal e em Linguística, está falando de Maria Denilda Moura.

Essa querida colega, dotada de um ativismo extraordinário e de uma modéstia igualmente extraordinária, graduou-se em Letras por esta universidade, em 1964, e fez Especialização em Linguística pela Universidade Federal da Bahia, em 1971.

Naqueles anos em que a Linguística brasileira dava seus primeiros passos, seguiu para a França, onde obteve seu título de Mestre na Universidade de Besançon, estudando de 1971 a 1972 sob a orientação do conhecido linguista Jean Peytard. Nesse período, dedicou-se à língua falada, com foco nas estruturas sintáticas, de que estudou o sujeito vazio, o clítico *se*, e a passiva impessoal. Já nesta altura, Maria Denilda Moura deixava claro que a Sintaxe seria seu campo de atuação, com preferência pelos modelos formais. E nesse modelo, foi logo optando pelos temas que marcariam fortemente a Linguística brasileira.

Terminado o Mestrado em Besançon, seguiu para Paris, em cuja Universidade Paris 8 Vincenne-Saint Denis cursou o Doutorado, de 1977 a 1980, defendendo a tese “*Les constructions impersonnelles en portugais*”, orientada pelo mais que conhecido Nicolas Ruwet, figura central da Gramática Gerativa na França. Denilda sempre foi assim: entre um caminho fácil e um caminho difícil, optou sempre por este. Uma pesquisadora e tanto!

Aconteceu aí um fato que talvez poucos conheçam: foi convidada para lecionar sintaxe na Grécia. Entretanto, como tinha sido financiada por agências brasileiras em seu mestrado e doutorado, argumentou que tinha um dever para com seu país de origem, que lhe pagara os estudos. Retornou ao Brasil, retornou à sua querida Ufal, dando um belo exemplo de ética profissional.

Pôs em andamento, então, um programa assombroso, quando nos damos conta das dificuldades com que as universidades públicas presenteiam seus membros mais ativos: fundou a pós-graduação em Linguística na Ufal, lançou vários projetos de pesquisa, muitos deles em língua falada – tremenda novidade na época –, fundou a FAPEAL e passou a trazer de fora os melhores linguistas de então, para expor seus alunos ao que havia de melhor na época.

Mas, para não deixar o motor esfriar, realizou ainda estágios de pós-doutoramento na University of Ottawa, sob a supervisão de Shanna Poplack, e na École Pratique des Hautes Études onde, suponho, conheceu Claire Blanche Benveniste, que esteve várias vezes na Ufal, a seu convite, ministrando cursos e participando de eventos. Denilda sempre repartiu com os amigos os doces que foi identificando em sua carreira.

Em seu programa de inserir a Ufal na já então trepidante Linguística brasileira, fundou a Pós-graduação em 1989. Tive a honra de reportar à Capes esse seu projeto, pois juntamente com José Arnone, representávamos junto à Capes a área de Letras e Linguística naquela altura.

Antes de chegar a Maceió, fui prevenido pelo Prof. Wanderley Geraldi, da Unicamp, de que não iria conhecer uma pessoa comum. Ele já estava a par da energia e da percepção visionária dessa colega, e de sua determinação.

De 1995 a 1997, Denilda presidiu a Associação Brasileira de Linguística. Suas atividades à frente da Abralín estão relatadas no livro organizado e publicado neste ano por Miguel de Oliveira Jr., prata da casa, *Abralín 50 anos*.

Ela atuou também como membro do Conselho Editorial das seguintes revistas: *Lingua(gem)*, do Instituto Latino-Americano de Pesquisas Científicas, *DELTA - PUC-SP*, e *Linguagem & Ensino*, da Universidade Católica de Pelotas. Foi Consultora *ad hoc* da Capes, da Fapeal, da FAPESB, integrando ainda a Comissão de Avaliação do Inep e o Comitê Externo de Avaliação do Pibic/CNPq.

Como se tudo isso não fosse suficiente, orientou ainda 93 pesquisadores, entre Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado. Esses pesquisadores foram recrutados para trabalhar nos projetos de pesquisa que entretanto ela ia concebendo e dirigindo, daí resultando sua vasta produção científica.

Em reconhecimento por suas contribuições à Linguística brasileira, seus colegas Adelson P. Sedrins, Marcelo Amorim Sibaldo e Rafael Bezerra de Lima organizaram em sua honra o livro *Por Amor à Língua: miscelânea de estudos linguísticos dedicados a Maria Denilda Moura*, Maceió, Edufal, 2012, 407 páginas. Por generosidade, esses colegas incluíram meu nome entre os organizadores.

Mas agora, quero lembrar aos colegas uma dica tremenda que a Denilda me deu.

Como sabem, ela coordena a equipe alagoana do Projeto para a História do Português Brasileiro, PHPB. O PHPB completou em 2019 seus 21 anos de extensa produção científica, coisa aí de 729 títulos, que reuni no texto inédito “Produção científica do PHPB, 1998-2019”.

Pois bem, por ocasião do VII Seminário Nacional desse Projeto, realizado em Londrina, Paraná, a Denilda pronunciou uma conferência intitulada “Casos de concordância no Português Brasileiro”, publicada no tomo 2 do volume VII, páginas 437-466.

Esse texto pôs em xeque o que muitos de nós entendemos por concordância. Ela demonstrou ali que a relação de concordância apresenta um repto às principais teorias linguísticas.

Ela começou por resenhar um livro que até então eu não conhecia, G. Corbett, *Agreement*, 2006. Esse autor apresenta a concordância como a relação entre o *controlador*, “elemento que determina a concordância, ou seja, o sintagma nominal sujeito”, o *alvo*, “elemento cuja forma é determinada pela concordância”, e o *domínio da concordância*, como o *domínio sintático em que a concordância ocorre, ou seja, a cláusula*. Entre o controlador e o alvo ocorre uma transferência de traços gramaticais (p. 442).

Denilda prossegue analisando o problema, chamando às falas diversos autores que trabalharam igualmente nesse campo, concluindo que “um caminho para chegarmos à análise pretendida tem a ver com a estrutura interna do DP-pronominal versus concordância” (p. 463).

Mesmo não atuando no mesmo domínio teórico, mas animado com esse trabalho, reuni na Unicamp 3 colegas (Bruno Maroneze, Célia Maria Moraes de Castilho e Edilaine

Buin) e 3 doutorandos (Flávia Orci Fernandes, Janaína Olsen e Marcel Caldeira), e passamos alguns anos quebrando a cabeça com a diacronia da concordância no PB.

O trabalho foi realizado no interior do PHPB, tendo sido publicado em Ataliba T. de Castilho (Coord.), *Mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista*, volume 5 da História do Português Brasileiro, São Paulo, Editora Contexto, 2019, p. 284-400.

Mas tranquilizem-se, não vou ler isso tudo. Vou, apenas, concentrar-me num fenômeno a que denominamos “concordância por reanálise”, bastante intrigante, pelo que aponta para possíveis mudanças do Português Brasileiro.

Na verdade, não conseguimos lidar com os dados a partir das categorias analíticas de Colbert, pois nem sempre conseguíamos localizar o controlador, o elemento que determina a concordância.

Costuma-se dizer, por exemplo, que o verbo concorda com o sujeito. Nos termos de Corbett, o verbo seria o alvo, e o sujeito, o controlador. Mas como aceitar isso, se é o verbo que projeta o sujeito, dispondo, portanto, de um papel sintático mais relevante? Em outros casos como este, nem sempre se consegue identificar a relação de ativação e de recepção entre os termos envolvidos.

Passamos então a postular que a concordância é um *compartilhamento de traços gramaticais entre dois termos*, desenvolvendo uma sugestão de Bruno Maroneze. Um termo X compartilha traços com um termo Y, ilustrando o Princípio de Recursão, sem que haja necessidade de admitir uma relação de determinação entre eles, vale dizer, uma relação de causa e consequência. Assim, a concordância entre o verbo e o sujeito manifesta apenas um compartilhamento de traços. Vista deste ângulo, a concordância pode igualmente ser entendida como uma relação de redobramento sintático entre dois termos, ou seja, o termo Y redobra as propriedades do termo X. Moraes de Castilho (2013) estudou o redobramento sintático no português arcaico, processo pelo qual ela explicou várias características do PB. Esta poderia ser mais uma delas.

A expressão da concordância é sempre gramatical, por manifestar-se através da morfologia. Entretanto, mesmo expressa por meios gramaticais, a relação de concordância entre os termos é complexa, dada a diversa proveniência das categorias aí envolvidas. Operamos, então, com as categorias lexicais, semânticas e discursivas envolvidas, para além das categorias gramaticais, nos termos da abordagem multissistêmica: Castilho (2009).

A diferente proveniência dos termos X e Y associados pela concordância recomenda, portanto, que seu estudo leve em conta os seguintes processos: (1) lexicalização, (2) semanticização, (3) discursivização, (4) gramaticalização dessa relação.

O dispositivo sociocognitivo permite identificar três processos na relação de concordância, assim formulados em Castilho; Moraes de Castilho (2011):

- (i) Concordância plena (CP): os termos X e Y compartilham traços gramaticais. A concordância plena, ou canônica, é aquela em geral descrita nas gramáticas. O dispositivo sociocognitivo de ativação de propriedades produz a CP.
- (ii) Concordância por reanálise (CR): um dos termos X ou Y expressa os traços de um constituinte periférico, reanalisado como constituinte nuclear. A concordância por reanálise é considerada pela gramática prescritiva uma infração à norma culta, com exceção da

concordância com o partitivo. Não obstante, ela aponta para possíveis mudanças gramaticais, de que pode ser considerada como um indício. O dispositivo sociocognitivo de reativação de propriedades produz a CR.

(iii) Concordância zero (CØ): desaparece a relação de concordância entre os termos X e Y, concentrando-se em apenas um deles os traços de pessoa, gênero e número. O termo que expressa esses traços é, em geral, o Especificador* do sintagma ou da sentença. Só se pode postular a CØ nos casos em que poderia ter ocorrido uma CP – à semelhança do morfema zero e da categoria sintática vazia. A concordância zero também é considerada pela gramática prescritiva uma infração à norma culta. Mas ela aponta, igualmente, para mudanças gramaticais. O dispositivo sociocognitivo de desativação de propriedades produz a CØ.

A partir deste ponto, vamos nos fixar aqui na concordância por reanálise.

Na concordância por reanálise, reativa-se o compartilhamento de traços entre X e Y, com a diferença que um desses termos não corresponde àquele observado na concordância plena, por ocupar a periferia da estrutura.

Sejam os seguintes exemplos:

(1) CR entre o verbo e o SP encaixado no SN^{sujeito} anteposto

(1) CR entre o verbo e o adjunto adnominal de sujeito anteposto expresso por SN pesado

a) O mistério dos crânios humanos mergulharam na noite dos tempos.

b) Um ponto dessas civilizações escapam à nossa compreensão.

c) O preço deles são cada vez mais altos. (noticiário televisivo, 2012).

d) Pessoal, segunda feira vai haver a divisão das salas mesmo, né? O rendimento das aulas de Português ficam muito prejudicado com as salas tão grande. (carta-circular enviada por uma professora de português).

e) A navegação nestes trechos (Piracicaba e Salto) permitirão a atração de cargas para a hidrovia. Correio Popular 16/04/2011.

f) A alternativa para essas pessoas estão sendo pegar carona.

g) O comando das forças internacionais no Afeganistão confirmaram ontem a morte de 12 civis. Folha de São Paulo.

h) As reclamações repetidos dos moradores desta cidade me obrigou a procurar a autoridade.

i) Um milhão de pessoas votaram nele.

Nesses exemplos, o Complementador expresso por SP é reanalisado como núcleo do SN, exibindo uma CR entre ele e o verbo.

(2) CR entre o verbo e o argumento interno / o sujeito de sentença adjacente:

(2) CR entre o verbo e o argumento interno / o sujeito

a) *O vendedor daquela loja indicaram alguns rótulos interessantes.*

b) *Tratam-se de vários processos atrasados. Folha de São Paulo.*

c) *O fogo começou por volta das 13h15, no barraco onde estavam as vítimas e se alastraram rapidamente, atingindo cinco barracos. Folha de São Paulo.*

Em (2a), há relação de concordância entre o verbo e o objeto direto *alguns rótulos interessantes*; em (2b), com o complemento oblíquo *de vários processos atrasados*; em (2c), entre o verbo pronominal e o sujeito da sentença anterior, *as vítimas*.

(3) CR entre o verbo e o antecedente do pronome relativo

(3) CR na adjetiva padrão

Importadoras dão descontos de até 70% para queimar o estoque de vinhos; três especialistas percorreram 20 lojas para indicar alguns rótulos que realmente valem a pena comprar. Folha de São Paulo, 2012.

Em (3), há uma relação de CR entre o verbo da relativa e o SN ^{objeto direto} antecedente *alguns rótulos*, reanalisado como sujeito, deixando-se de lado o SN ^{sujeito} *a pena*.

A CR merece uma discussão maior. Os dados são comumente descritos como concordância com o termo mais próximo. Será interessante observar as condições em que isso ocorre:

- a) Qual o traço do núcleo do SN desbancado por seu SP complementador: /humano/? /não humano/, como nos exemplos recolhidos acima?
- b) Outro ponto a investigar é a perda progressiva do caso gramatical abstrato no PB. O constituinte que desencadeia a CR vem sempre preposicionado por *de, a, para*, ou seja, são genitivos e dativos. Sabemos que os substantivos perderam o caso morfológico no período românico, dando lugar a uma representação abstrata do caso. Entretanto, o caso foi preservado nos pronomes pessoais e nos relativos. Um novo passo se dá no PB, quando também os pronomes pessoais, os pronomes relativos e os argumentos sentenciais começam igualmente a perder caso, abrindo caminho à CR.

Algumas conclusões

1. Pesquisas sobre a concordância no PB têm levado em conta a caracterização sociolinguística dos falantes. As ocorrências são explicadas por fatores tais como (i) língua falada / língua escrita, (ii) sexo e grau de escolarização do falante, (iii) origem geográfica do falante, (iv) estilo tenso / distenso do documento, etc. Os dados têm sido cuidadosamente quantificados, concentrando-se a pesquisa nas variáveis sociolinguísticas dos falantes. Neste trabalho, concentramo-nos nas categorias mais propriamente linguísticas, investigando o correlato lexical, semântico, discursivo e gramatical dos tipos de concordância apurados.

2. Se considerarmos a concordância por reanálise e a concordância zero como indícios de mudança, conclui-se que o PB tende aparentemente à perda dessa relação gramatical. Entretanto, não se pode supor que essa tendência seja unidirecional, pois se observa que a criação de prefixos gramaticais reforça a manutenção da concordância, apesar da perda dos sufixos. Por outras palavras, a desativação de uma regra pode ser compensada pela ativação de outra regra, numa forma autorregulada.

3. Os casos examinados de CØ apontam para certa harmonia no tratamento do Especificador nominal (= artigo, demonstrativo, possessivo, quantificador) e do Especificador sentencial (= sujeito). Nesses casos, cabe ao Especificador expressar o gênero, o número e o tempo.

4. A Abordagem multissistêmica permite rastrear os movimentos cognitivos do falante quando opera com as regras de concordância. Mostraram-se de relevo o funcionamento simultâneo das seguintes categorias:

- (1) Gramática: posição do termo X em relação ao termo Y: a anteposição favorece a CP, a posposição a desfavorece.
- (2) Semântica: verbos e adjetivos predicativos favorecem a CP. Verbos e adjetivos não predicativos favorecem a CØ.
- (3) Léxico: substantivos coletivos e expressões quantificadoras favorecem a CØ.
- (4) Discurso: a CP se dá muitas vezes com a categoria discursiva não expressa, tais como o tópico textual e a inferência.

Referências

CASTILHO, A. T. An approach to language as a complex system. *New issues in Historical Linguistics*. In: Vanderci Aguilera (Org.). **Para a História do Português Brasileiro**. vol. VII: Vozes, veredas, voragens. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, tomo 1, pp. 1-44. Republicado em A. T. de Castilho, 2009.

CASTILHO, Ataliba T. de; MARONEZE, Bruno; MORAES DE CASTILHO, Célia Maria; BUIN, Edilaine; FERNANDES, Flávia; OLSEN, Janaína; CALDEIRA, Marcel. Diacronia da concordância. In: Ataliba T. de Castilho (Coord. 2019). **Mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista**, vol. 5 da série História do Português Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto / Fapesp, 2019, p. 284-400.

CASTILHO, A. T. **Produção do PHPB**, 1988-2019, 66 p., 2019, inédito.

CASTILHO, A. T. Projeto NURC e teorização linguística. In: Miguel Oliveira Jr. (Org. 2019). **NURC 50 anos**. São Paulo: Parábola, 2019, p. 19-53.

CASTILHO, A. T. Do microcosmo conversacional para a formulação de princípios linguísticos. **Philologie im Netz**, special edition, in print, 2020.

MORAES DE CASTILHO, C. M. **Fundamentos sintáticos do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.